

MÚTIPLAS CONSTRUÇÕES DA IDENTIDADE LÉSBICA: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS TEÓRICAS DE FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

MULTIPLE CONSTRUCTIONS OF LESBIAN IDENTITY: AN ANALYSIS OF THEORETICAL NARRATIVES ON THE FORMATION OF LESBIAN SUBJECTIVITY

“Esse momento aqui é para falar das mulheres lésbicas que estão vulneráveis, que são inviabilizadas. Esse é o lugar da visibilidade [...]”

Marielle Franco – 08/2017¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar diferentes discursos teóricos que se propõe a identificar e descrever a formação da identidade lésbica. Para tanto, propomos uma retomada das principais narrativas da experiência subjetiva do lesbianismo, a saber, do lesbianismo político ou lesbianismo radical, com as contribuições de Sheila Jeffreys e Jill Johnston, por exemplo; do pós-modernismo, a partir da leitura de Judith Butler e Paul B. Preciado; e do lesbianismo materialista, sob o prisma de Monique Wittig, Linda Alcoff e Teresa de Lauretis. Além disso, demonstraremos como o aporte teórico do lesbianismo traz uma perspectiva e contribuição importantes para os temas do feminismo, de gênero, sexualidade, performatividade e de políticas identitárias.

Palavras-chave: Heteronormatividade. Identidade. Lesbianismo Radical. Pós-Modernismo. Lesbianismo Materialista.

ABSTRACT

This article aims to analyze different theoretical discourses that aim to identify and describe the formation of lesbian identity. In order to do that, we propose a resumption of the main narratives of the subjective experience of lesbianism, namely political lesbianism or radical lesbianism, with contributions by Sheila Jeffreys and Jill Johnston; postmodernism, through readings of Judith Butler and Paul B. Preciado; and materialist lesbianism, under the prism of Monique Wittig, Linda Alcoff and

¹ Transmissão ao vivo publicada na página do Facebook da Vereadora Marielle Franco, em Agosto de 2017, mês da Visibilidade Lésbica.

Camila P. Barbosa

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, Brasil. camilabarborari@gmail.com

Laura D. Guerim

Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, Canoas – RS, Brasil. lauraguerim@gmail.com

Teresa de Lauretis. In addition, we will demonstrate how the theoretical contribution of lesbianism presents an important perspective to the themes of feminism, gender, sexuality, performativity and identity politics.

Keywords: Heteronormativity. Identity. Radical Lesbianism. Postmodernism. Materialist Lesbianism.

Introdução

Em seu especial Netflix *Nanette* (2018), Hannah Gadsby narra sua relação com gênero, sexualidade, performatividade² e formação de subjetividade do que ela chama de “não-normais”³. De forma cômica e visceral, ao fazê-lo, expõe os limites e a maneira tóxica com a qual os debates sobre estes temas são conduzidos em sociedade. Haveria certamente inúmeras análises a serem feitas a partir de *Nanette*, mas o ponto de articulação com este ensaio e a inspiração que nos levou a escrevermos sobre identidade lésbica é a de que - como Gadsby desejava - nos sentimos conectadas de múltiplas maneiras a sua experiência. Ao contar sua história no decorrer do show, Gadsby afirma “você aprende com a parte da história na qual foca [...] eu preciso contar minha história do jeito certo”. Ainda:

Eu não conto isso para que me vejam como vítima. Não sou vítima. Conto isso porque minha história tem valor. [...] Eu não vou permitir que minha história seja destruída. Teria feito de tudo para ouvir uma história como a minha. Não por culpa. Não por reputação, dinheiro ou poder. Mas para me sentir menos sozinha. Me sentir conectada. (Gadsby, 2018. Netflix)

Assim como Gadsby, propomos esta análise por acreditarmos que a nossa história, isto é, a história da identidade lésbica precisa ser contada e tem o seu valor, principalmente porque oferece múltiplas perspectivas de autocompreensão e de fontes teóricas para pensarmos em questões de gênero, sexualidade, feminismo, entre outras. A proposta deste artigo é a de apresentar algumas das perspectivas do lesbianismo através de leituras filosóficas, feministas e políticas, que de alguma maneira oferecem formas diferentes de articular conceitos importantes destes temas. Nossa metodologia não inclui uma análise antropológica ou histórica da identidade lésbica, nem abarca, de forma alguma, toda complexidade, interseccionalidade e variedade da formação identitária de lésbicas. O que buscamos é tentar compreender a formação dessa identidade a partir de uma perspectiva teórica.

² Aqui, entendemos performatividade como formas de exteriorização da identidade, através de roupas, linguagem, estilos, modos de ser, entre outros.

³ Por “não-normais”, Gadsby se refere aos indivíduos que não se encaixam nos padrões *heteronormativos*, tanto de gênero, de sexualidade, quanto de *performatividade* desses aspectos identitários.

Em um primeiro momento, nossa análise se concretizará no *Lesbianismo Político* ou *Lesbianismo Radical*, que surge principalmente na década de 1970 nos Estados Unidos, muito ligado ao movimento feminista, e, particularmente, ao feminismo radical. A partir desta construção identitária, a questão da sexualidade é posta como uma possibilidade de escolha e de opção política, vista inclusive como forma de militância. As lésbicas radicais tinham uma articulação clara de ruptura com relações opressivas e misóginas, e buscavam, a partir da sororidade entre mulheres envolvidas na militância feminista, relações mais igualitárias e prósperas. A identidade lésbica era vista, portanto, como uma forma de se relacionar com a sexualidade e o prazer fora das estruturas machistas da “heterossexualidade compulsória” (Rich, 2010).

Por outro lado, analisaremos perspectivas pós-modernas ou pós-estruturalistas, que trabalham o lesbianismo mais focado na questão do desejo, da performatividade, da sexualidade em si e dos diversos sujeitos do lesbianismo. Aqui, aparecem os discursos mais recorrentes sobre identidade no debate contemporâneo, especialmente, tratando a sexualidade como um devir – isto é, como um processo dinâmico e em movimento de formação identitária. A partir desta leitura, a sexualidade lésbica é pensada de maneira menos restritiva, não apenas incluindo mulheres cisgênero, mas trabalhando a identidade a partir de elementos de auto reconhecimento e pertencimento de múltiplos sujeitos. Além disso, também propomos uma leitura da naturalização da homossexualidade enquanto um fenômeno intrínseco ao indivíduo – discurso que chamaremos de *born this way*⁴.

Propomos também um debate sobre diferença sexual, corpo e experiência. Talvez possamos considerar que Simone de Beauvoir (2009) fez a primeira consideração da *mulheridade* através da diferença, ou seja, a partir da relação com o Outro, em seu texto “*O Segundo Sexo*”, marcado pela afirmação de que “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Inspirada nessa leitura, Monique Wittig (1992) afirma que “lésbicas não são mulheres”, principalmente, pois lésbicas têm experiências particulares e relações diferentes das mulheres heterossexuais, e, assim, não possuem a mesma relação de significado com a palavra “mulher”.

Apesar desta análise não ser capaz de mapear e descrever todas as múltiplas formações da identidade lésbica, ao fazê-la podemos enfatizar a importante contribuição de lésbicas na articulação de teorias sobre gênero e sexualidade. E mais que isso, refletir sobre a nossa história teórica nos permite aprofundar aspectos da identidade lésbica, como: o que é ser lésbica? Como se dá a percepção do desejo? O que nos aproxima enquanto uma categoria social identitária? Quais diferenças fundamentais separam as vertentes teóricas?

Ao propor uma análise da identidade lésbica, estamos pensando identidade não como uma verdade absoluta e estática, mas como um processo historicamente localizado e culturalmente influenciado. Nas palavras de Arlene Stein (1997), “sair do

4 Fazemos referência à música “Born this way” de Lady Gaga (2011) que sugere que membros da comunidade LGBT+ nasceram assim: “Oh, não há outro jeito. Querido, eu nasci assim. Eu estou no caminho certo, querido. Eu nasci assim” (Tradução livre do original).

armário é comumente um processo de uma vida inteira”⁵. Para entender a sexualidade como um fenômeno complexo, é fundamental encontrar os pontos de convergência das diferentes teorias e como elas influenciaram a forma como nos percebemos enquanto lésbicas em diferentes contextos.

Lesbianismo Político ou Lesbianismo Radical

O lesbianismo político surge como uma ramificação do movimento feminista, principalmente nos Estados Unidos, a partir da década de 1970. A dupla invisibilidade das mulheres lésbicas - tanto no Movimento Gay em função do protagonismo masculino e seu prevalente machismo, quanto no Movimento Feminista que tinha uma agenda política voltada majoritariamente para demandas heterossexuais - incentivou a articulação e o desenvolvimento de uma abordagem teórica que desse conta exclusivamente das necessidades e identidades lésbicas.

A partir do fortalecimento do Movimento Feminista enquanto teoria e a articulação de espaços seguros para discussão e compartilhamento de experiências, as relações entre as mulheres também se fortalecem, intensificando os laços afetivos e conseqüentemente a formação da relação que hoje conhecemos como sororidade. Além disso, bastante influenciadas pelo feminismo radical⁶, as feministas passam a entender as dinâmicas das relações heterossexuais como uma das muitas ferramentas de manutenção de um sistema intrinsecamente opressivo. A partir dessa identificação, o movimento começa a questionar a natureza estática e impositiva da sexualidade.

No texto “Heterossexualidade compulsória e existência lésbica” (2010), Rich explicita o caráter impositivo e institucionalizado da heterossexualidade. Para ela, a heterossexualidade é “uma instituição política que retira o poder das mulheres”, ou seja, as relações heterossexuais têm um papel fundamental na manutenção da dominação masculina. Esses papéis de gênero são impostos desde muito cedo por diversos mecanismos sociais em diferentes esferas e níveis - assimétricos e opressivos - de formação identitária, como por exemplo, contos de fada, crenças populares, lendas urbanas. A heterossexualidade passa a ser, então, sinônimo da sexualidade em si, sendo a única opção possível da manifestação do desejo erótico-sentimental e, portanto, obrigatória. O caráter compulsório da heterossexualidade marginaliza a existência lésbica e impõe um inatismo à sexualidade. Para Rich:

5 Tradução livre do original “coming out is often a lifelong process”. Em *Sex and Sensibility: Stories of a Lesbian Generation*, 1997.

6 Feminismo Radical é uma das vertentes da segunda onda do feminismo que vê as estruturas de dominação masculina e submissão feminina como o recorte mais importante e original da opressão, e, assim, a busca por igualdade de gênero passaria por uma reestruturação da posição da mulher e dos significantes sociais que servem de manutenção desse status, como por exemplo, o Estado, a família, a economia, as legislações, etc. Para leitura mais aprofundada, indicamos textos de Catharine MacKinnon, Sheila Jeffreys e Germaine Greer.

Um dos muitos meios de reforço é, obviamente, deixar invisível a possibilidade lésbica, um continente engolfado que emerge à nossa vista de modo fragmentado de tempos em tempos para, depois, voltar a ser submerso novamente. A pesquisa e a teoria feminista que contribuem para a invisibilidade ou marginalidade lésbica estão realmente atuando de modo contrário à libertação e ao empoderamento das mulheres como um grupo. A suposição de que “a maioria das mulheres são heterossexuais de modo inato” coloca-se como um obstáculo teórico e político para o feminismo. (Rich, 2010, p. 34)

A imposição institucional do modelo heterossexual é tão expressiva que ela se faz presente mesmo dentro de relacionamentos homossexuais. Lillian Faderman (1981) demonstra historicamente como essas dinâmicas influenciaram a formação de identidades *butch* (lésbicas com características masculinas) e *femme* (lésbicas com características femininas) nos Estados Unidos, a partir da década de 1930. Compreendendo a sexualidade exclusivamente a partir da relação heterossexual, as lésbicas deste período refletiam essa configuração, incorporando características “masculinas” e “femininas” na sua identidade através de gestos, roupas e práticas sexuais (Faderman, 1981). Ao copiar a masculinidade enquanto identidade, as lésbicas *butch* muitas vezes incorporaram esse aspecto de dominação dentro da relação homossexual (Faderman, 1981). Para Gayle Rubin (1992), “*butch* e *femme* são categorias importantes dentro da experiência lésbica e, como tais, acumularam-se em múltiplas camadas de significância”⁷. Para além de um momento histórico, essa divisão é incorporada à nossa formação identitária manifestando-se até hoje de forma complexa e maleável.

Apesar da violenta influência do modelo heterossexual na construção das identidades lésbicas, o *Lesbianismo Político* traz ao movimento feminista “um ideal igualitário que traz à luz a natureza opressiva das instituições políticas da heterossexualidade, e oferece uma alternativa revolucionária” (Jeffreys, 2003, p. 144). O *Lesbianismo Político* possibilita, assim, a sexualidade enquanto uma escolha para além da discussão sobre liberdade sexual articulada tradicionalmente nas demandas feministas.

Perceber a sexualidade como uma escolha não é apenas uma esfera da liberdade sexual, mas é também, e principalmente, uma manifestação política feminista. Com isso, o *Lesbianismo Político* infere que essa escolha fortemente politizada não passa necessariamente pela atração sexual em si, isto é, por um desejo lésbico, mas pela vontade de desvinculação das mulheres com o sistema heterossexual que as oprime. Jeffreys (2003) explicita isso muito bem ao dizer que:

Não há futuro para lésbicas na busca por equidade nem com os homens na cultura sexual ou no universo público gay nem

⁷ Tradução livre do original: “‘Butch’ and ‘femme’ are important categories within lesbian experience, and as such they have accumulated multiple layers of significance”.

com os homens em geral no universo do estado masculino, dos esportes militares e da economia, pois esses mundo públicos são construídos a partir da dominação masculina e da subordinação feminina.⁸ (Jeffreys, 2003, p. 156)

Temos em mãos, assim, uma teoria que possibilita colocar em xeque argumentos biológicos de sexo e gênero, utilizados para a manutenção da desigualdade e exploração da mulher. A ideia de que toda e qualquer mulher pode ser lésbica, levaria à “desestabilização da supremacia masculina através da perda do poder masculino sobre o trabalho altruísta e não pago doméstico, sexual, reprodutivo, econômico e emocional das mulheres”⁹ (Jeffreys, 1993, p. IX).

Pensando os relacionamentos como espaços de práticas políticas, muitas feministas e “lésbicas políticas” argumentaram a favor de uma espécie de separatismo. A palavra ‘separatismo’ parece carregada de um certo radicalismo, mas o separatismo pode ser articulado em, pelo menos, dois níveis: a) em um nível leve, podemos pensar em diversas formas utilizadas pelas feministas, lésbicas ou não, para afastarem-se de instituições, papéis sociais e dinâmicas machistas presentes nas esferas mais simples do cotidiano. Um exemplo disso são os espaços exclusivos para mulheres abertos à discussão das demandas feministas, que podem ser vistos pelo prisma do separatismo e foi, como continua sendo, uma prática comum para o fortalecimento do movimento; b) em um nível mais forte, com a articulação do argumento de que toda mulher é uma lésbica em potencial, há a possibilidade de uma separação total das mulheres em suas relações com os homens nas esferas políticas, sexuais, domésticas e econômicas.

Marilyn Frye (1983) descreve as diversas ações para o separatismo que podem ser praticadas em diferentes esferas da vida cotidiana:

terminando ou evitando relacionamentos próximo ou relações de trabalho; proibindo alguém de entrar na sua casa; excluindo alguém de sua companhia, ou do seu convívio; deixar de participar ou evitar a participação em algumas atividades e instituições; evitar a influência de plataformas midiáticas (não ouvir músicas com letras sexistas, não assistir televisão); recusar comprometimento e apoio; rejeitar ou ser rude com indivíduos obnoxios¹⁰. (Frye, 1993, p. 92)

8 Tradução livre do original: “There is no future for lesbians in seeking equality either with men in the gay sexual culture or public world or with men in general in the malestream world of the state, the military sports and the economy, because these public worlds are constructed out of male dominance and female subordination.

9 Tradução livre do original: “the destabilisation of male supremacy as men lost the foundation of their power in women’s selfless and unpaid, domestic, sexual, reproductive, economic and emotional servicing.”

10 Tradução livre do original: “breaking up or avoiding close relationships or working relationships; forbidding someone to enter your house; excluding someone from your company; or from your meeting; withdrawal from participating in some activity or institution, or avoidance of participating; avoidance

Jill Johnston (1973) foi uma das proponentes mais polêmicas do separatismo radical, isto é, da ideia de afastamento total das estruturas patriarcais e masculinas. Neste livro, Johnston traz a criação de uma cultura exclusiva das mulheres, para as mulheres, onde todas as expressões culturais e as relações interpessoais são construídas pelas mulheres. Música, literatura, espaços de discussão e a qualidade das relações (pacíficas, empáticas, altruístas) compõem um ideal estrutural de vivências e relacionamentos em uma “Nação Lésbica”.

As críticas ao separatismo surgem principalmente pelo caráter supostamente unidimensional da relação de opressão que considera apenas uma determinada categoria, no caso, gênero. Nesse sentido, haveria pouco espaço, por exemplo, para reivindicação por parte de representantes do feminismo negro, que viam em muitas esferas mais níveis de opressão por parte de mulheres brancas, do que de homens negros. Da mesma forma, essa proposta era pouco atrativa para mulheres que se identificavam com o desejo heterossexual. Segundo Claudia Card (1990), críticas ao movimento separatista o denominaram como “supremacista feminino, elitista, que exacerbou a alienação das pessoas de cor nos Estados Unidos de sua história e cultura, e, mais recentemente, sua visão essencialista sobre o conceito de ‘mulher’¹¹ (Card, 1990, p. 129).

Com a passagem para o feminismo de terceira onda, no qual a interseccionalidade e transnacionalidade tornaram-se centrais para análise feminista, o separatismo foi perdendo força e lugar no movimento feminista, inclusive na comunidade lésbica. Assim, a ideia de escolha sexual enquanto manifestação política foi dando lugar ao discurso mais proeminente de que sexualidade não é escolha, mas ao contrário, que se nasce com essas características, o que foi bastante reforçado pelo movimento LGBTQ+. O *slogan* de que a homossexualidade não é escolha, mas uma orientação sexual, “tão natural” quanto a heterossexualidade, ganhou força e popularidade, desvinculando o caráter politizado da própria sexualidade como ponto central de crítica lésbica e feminista.

O pós-moderno, o *queer* e o *born this way*

No início dos anos 1990, após a publicação de *Problemas de Gênero* (2003) de Judith Butler, as discussões sobre identidade de gênero e sexualidade foram transformadas. A crítica à universalização da categoria “mulher” e ao discurso biológico da identidade sexual desenvolvida por Butler, permitiram ampliar o escopo da análise feminista e *queer* para além desses discursos normatizantes. A leitura de Butler, bastante inspirada por Rich, retoma a ideia da heterossexualidade como

of communications and influence in certain quarters (not listening to music with sexist lyrics, not watch tv); withholding commitment or support; rejection of rudeness towards obnoxious individuals”.

¹¹ Tradução livre do original: “Critics have labeled it female supremacist, elitist, exacerbating the alienation of people of color in the U.S. from their histories and culture, and, more recently, essentialist about the concept “woman”.

uma estrutura política, que através de processos de proibição, inibição e controle social, constroem e formam as subjetividades “pós-modernas”. Retomando a crítica foucaultiana, Butler recusa as categorias pré-discursivas que dividem a sociedade em categorias binárias de sexo, gênero e sexualidade, e, nesse sentido, questiona a divisão entre sexo, enquanto esfera estritamente biológica, e gênero, como esfera social que é utilizada pelas vertentes mais clássicas do feminismo. Butler articula a ideia de que sexo e gênero são categorias performativas e paródicas, da qual os sujeitos, dentro dessas estruturas reguladoras e formadoras do Eu, “imitam” modelos pré-estabelecidos de masculinidade e feminilidade pelo sistema heteronormativo. Para Butler:

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural do ser. A genealogia política das ontologias do gênero, em sendo bem-sucedida, desconstruiria a aparência substantiva do gênero, desmembrando-a em seus atos constitutivos, e explicaria e localizaria esses atos no interior das estruturas compulsórias criadas pelas várias forças que policiam a aparência social do gênero. (Butler, 2003, p. 69)

O sujeito da teoria de Butler é influenciado pela ideia hegeliana de devir, isto é, de subjetividade reflexiva, viajante, que está em processo de formação, mas que nunca encontra o seu Eu final. Por isso, Butler recusa-se a pensar essas categorias identitárias como fixas e, embora elas sejam formadas a partir de um ponto de submissão, uma vez que estão atreladas a essa esfera política de formação-de-sujeito que é a heteronormatividade, as subjetividades ainda podem, a partir de processos da psique e da linguagem, se desconstruir, reconstruir e, principalmente, subverter as leis heterossexuais que marginalizam e excluem as subjetividades desviantes. É a partir dessa premissa que Butler argumenta que a homossexualidade é uma subjetividade subversiva - ela questiona através da própria existência e das práticas sociais os limites e proibições estabelecidos como fronteiras dessas categorias, principalmente, pela apropriação da masculinidade e feminilidade como universo de possibilidade de qualquer sujeito, que desafiam a compreensão social da noção de homem e mulher, de heterossexual e homossexual, dentre outras.

Segundo Sara Salih (2012), Butler influenciou as discussões sobre gênero, linguagem, sexo e identidade tanto dentro do feminismo quanto dentro da teoria *queer*, pela forma com a qual seus questionamentos desestabilizaram tanto as categorias quanto às normas do sujeito, oferecendo alternativas de resignificação radicais que podem “abalar a lei ao denunciar seu limite” (Salih, 2012, p. 191). Butler afirma que:

A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de ‘identidade’ não possam ‘existir’ - isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não ‘decorrem’ nem do ‘sexo’ nem do ‘gênero’. Nesse contexto, ‘decorrer’ seria uma relação política de direito instituído pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade. Ora, do ponto de vista desse campo, certos tipos de ‘identidade de gênero’ parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente por não conformarem-se às normas de inteligibilidade cultural. (Butler, 2003, p. 44)

Paul B. Preciado (2018) também articulou a influência da era capitalista pós-fordista para o controle e regulação dos mecanismos de produção de subjetividade. Segundo Preciado, a estrutura heteronormativa, que se manifesta através das instituições sociais como o mercado, o Estado, as leis, entre outras, se apropriaram do desenvolvimento tecnológico para intensificar a produção de sujeitos. A serotonina, o tecnossangue e os hemoderivados, o tecnoesperma, a testosterona, o estradiol, o álcool e o tabaco, a Ritalina e o Rivotril, são exemplos de produtos dessa nova onda de produção do Eu e do sexo. Preciado adere a atualização do conceito foucaultiano de biopoder feito por Donna Haraway (1995) passando para uma noção de *biotecnopoder*, isto é, de disseminação do poder por diversos mecanismos “tecnovivos” de produção identitária. Com isso, as estruturas reguladoras viram a possibilidade de, através de meios tecnológicos, produzir ideais de subjetividade e controle sexual, como por exemplo, através da distribuição da pílula, inseminação artificial, cirurgia de redesignação de gênero, etc. Preciado diz:

Não se trata de passar de mulher para homem ou de homem para mulher, mas de contaminar as bases moleculares da produção da diferença sexual, entendendo que estes dois estados do ser, homem e mulher, existem apenas como ‘ficções políticas’, como efeitos somáticos dos processos técnicos de normatização. (Preciado, 2018, p.153)

O resultado dessas novas dinâmicas de produção do Eu é a implosão das categorias binárias que dividem as identidades sociais e políticas de forma estável. Preciado explora esses limites a partir da própria experiência de uma mulher lésbica apropriando-se de características biológicas masculinas através da auto aplicação de testosterona. Com isso, as formas corporificadas e tradicionais do que é a identidade lésbica se desestabilizam. A lésbica não apenas pode aderir às formas sociais de representação e significação de masculinidade, através da performance *Butch* mencionada acima, mas pode também se apropriar de elementos biológicos e naturalizantes para a determinação dos limites identitários. A ressignificação do que Preciado chama de “tecnopau”, através da mudança de sexo, não apenas forma

novas subjetividades que extrapolam os limites das categorias sociais até então estabelecidas, mas também nos faz questionar o que essa apropriação subversiva tecnológica quer dizer: a *butch* que manifesta sua masculinidade através de um tecnopau deixa de ser *butch* e passa a ser homem? A redesignação sexual transforma a identidade lésbica? A força da teoria *queer* se manifesta pelo desafio de responder a essas questões sem recorrer a elementos essencialistas para definição dos sujeitos do lesbianismo e do feminismo. O livro de Preciado alterna textos teóricos e relatos pessoais dos mais pungentes. Em determinado momento ele diz:

[...] mas depois de ter resistido ao seu implacável sistema de vigilância heterossexual, desfruto desse momento de verdade. Com uma crueldade glacial, digo a verdade: gosto de meninas. E imediatamente depois, sem lhe deixar espaço para resposta, continuo: Sou lésbica, sapatona, mulher-macho; sou garoto, e você nem percebeu. E não quero me vestir com as saias que você compra pra mim. Não quero esses sapatos. Não quero essas camisas com laço. [...] Eu digo: Sou um menino, Sacou? - levanto a blusa, mostro-lhes meus mamilos eretos em seios ainda inexistentes -, e mereço o mesmo respeito que meu pai recebe. (Preciado, 2018, p. 101)

Preciado e Butler parecem apontar para novas possibilidades de percepção de gênero, sexualidade e de subjetividade, que tornam masculinidade e feminilidade não fatos concretos sobre determinadas identidades, mas como objetos, como opções performativas das quais esses sujeitos se apropriam enquanto narrativas de si. Essas narrativas da subjetividade, entretanto, não precisam ser estáticas ou inteiramente coerentes no decorrer da vida. Pelo contrário, podemos nos apropriar do masculino e do feminino em momentos diferentes, ou até ao mesmo tempo, podemos acessar através dessas performances zonas de poder anteriormente negadas, e cobrar, como afirma Preciado, “o mesmo respeito”.

Uma leitura pós-moderna da identidade lésbica não é aderida de forma acrítica pelos movimentos LGBTQ+ de base. Assim como o *Lesbianismo Político*, a ideia da sexualidade e do gênero como escolha ou como uma performance parecem muitas vezes não se alinhar com a experiência vivida por aqueles que se identificam fora do espectro heteronormativo. Houve historicamente uma tendência forte de argumentar que as subjetividades da comunidade LGBTQ+ não se dão devido a uma opção sexual ou uma opção de gênero, mas como algo naturalmente pertencente ao seu Eu. Nesse sentido, a sexualidade precede qualquer momento de escolha, ela se manifesta no Eu enquanto identidade em si, e por ser uma característica intrínseca do Eu, mesmo quando manifestada em uma sociedade heteronormativa e discriminatória, esses indivíduos não conseguem se afastar de suas identidades - mesmo se quisessem. A manifestação da identidade sexual parece ser muito mais intuitiva e emotiva - que aparece

como parte essencial do Eu - do que através de um discurso de escolha e opções performativas.

Claro que ambas as narrativas teóricas apresentadas até aqui, não abordam o tema com superficialidade, e nenhuma das duas parece desconectar a experiência, a razão e as emoções do pacote complexo que é a diversidade sexual humana. No entanto, parece que uma perspectiva de “lesbianismo materialista”, inspirada por Monique Wittig (1992), nos ajuda a entender a existência lésbica como uma classe desafiadora da heteronormatividade, que a partir da experiência se coloca socialmente como uma categoria separada do tradicional ser-mulher.

Diferença sexual e um lesbianismo materialista

Wittig (1992) questiona a ideia da classe “mulher” como um grupo natural, um grupo “racial de um tipo especial, percebido como natural, um grupo de homens considerado materialmente específicos em seus corpos”¹². A própria existência da identidade lésbica é uma prova de que a mulher enquanto um grupo natural, como já foi exposto por Simone de Beauvoir (2009), é apenas um mito.

Desde Simone de Beauvoir, nós entendemos de forma crítica a construção da mulher a partir de uma ideia de alteridade, sendo esta sempre o Outro numa relação de opressão-subordinação refletida nas categorias sociais “homem” e “mulher”. Nesse sentido, para Wittig (1992) a lésbica não é uma mulher, já que ela não participa das relações estruturais heteronormativas que constituem a construção do mito mulher. Assim como Rich, Wittig parece incorporar a heterossexualidade como parte de uma construção do ser-mulher. As categorias do sexo permanecem assim, como categorias políticas institucionalizadas, isto é “assumem que a base da sociedade ou o início da sociedade encontra-se na heterossexualidade”¹³.

Assim como vimos anteriormente com Butler¹⁴, a heterossexualidade é fundamental para entender as dinâmicas de poder, baseadas numa dicotomia dos mitos “homem” e “mulher” que excluem existências que fogem ao padrão heteronormativo. É neste sentido, que Wittig acusa-nos de ter uma mente hétero, uma *straight mind*.

A incorporação do pensamento heterossexual (*straight mind*) que constitui a divisão das categorias sexuais faz com que a existência lésbica surja como uma forma de negação da mulher real, e por isso muitas vezes há a acusação de que a identidade

12 Tradução livre do original: “a racial group of a special kind, a group perceived as natural, a group of men considered as materially specific in their bodies”.

13 Tradução livre do original: “it assumes that the basis of society or the beginning of society lies in heterosexuality.”.

14 Essa aproximação teórica não é uma coincidência, uma vez que a própria Butler tem uma vasta leitura dos textos de Wittig, como vemos claramente nas discussões na obra “*Problemas de Gênero*”.

lésbica parte de um desejo de ser homem - uma vez que relacionamos as práticas sexuais com identidade de gênero.

De certa forma, Wittig parece defender que a lésbica não quer ser mulher justamente por não querer fazer ou não se ver parte das dinâmicas heterossexuais de opressão. É claro que aqui, a leitura de Wittig considera apenas gênero e sexualidade para essa construção da não-mulher, ignorando outros fatores, como raça e classe. Ao mesmo tempo, afirma que:

[...] recusar-se ser mulher não significa necessariamente tornar-se homem. Além disso, se pegarmos como exemplo a “butch” perfeita, o exemplo clássico que provoca o maior terror, a quem Proust chamaria de mulher/homem, como sua alienação difere daquela de alguém que queira tornar-se mulher? Tweedledum e Tweedledee. Ao menos para a mulher, querer tornar-se um homem prova que esta escapou da programação inicial.¹⁵ (Wittig, 2014, p. 103)

Em algum sentido, podemos conceber a lesbianidade como um tornar-se Outro dentro das estruturas heteronormativas, que a partir da própria experiência do corpo enquanto existente no mundo, desafia os discursos tradicionais sobre normas de comportamentos sexuais e de gênero. Afinal, se vinculamos a sexualidade como uma expressão corporificada de símbolos sociais que marcam e categorizam essas estruturas, fica claro que sexualidade tem tudo a ver com gênero, na medida em que ambos são atributos que ganham significados a partir da vida social. Isso não significa, no entanto, que corpo, sexualidade e gênero possuem o mesmo significado e que sejam dependentes.

Segundo Linda Alcoff (2006), essas identidades sociais marginalizadas são marcadas pelos símbolos sociais através do corpo, e, com isso, é através da experiência desses corpos que essas identidades adquirem o seu caráter material. Por isso, Alcoff utiliza o termo “identidades visíveis” para marcar a materialidade da experiência do ser identidade, uma vez que os significados sociais são incorporados como percepção de si. Nesse sentido, a autora tenta demonstrar que o que torna essas identidades sociais reais é a forma com que os corpos são afetados e incorporam toda experiência do social enquanto Self (parte do seu Eu).

O interessante dessa contribuição é, em alguma medida, nos afastarmos de uma resposta simplista e excludente sobre identidade que nos custa tão caro na vida política, isto é, nos afastar de tratarmos nossa realidade com o mesmo discurso determinista utilizado para nossa marginalização. Para tanto, Wittig tenta aproximar ideias que aparentam ser irreconciliáveis: a subjetividade e o materialismo. Wittig

¹⁵ Tradução livre do original: “To refuse to be a woman, however, does not mean that one has to become a man. Besides, if we take as an example the perfect “butch,” the classic example which provokes the most horror, whom Proust would have called a woman/man, how is her alienation different from that of someone who wants to become a woman? Tweedledum and Tweedledee. At least for a woman, wanting to become a man proves that she has escaped her initial programming”.

aponta que a consciência de classe não se refere simplesmente à uma subjetividade, mas apenas como sujeito participando de condições gerais de subordinação. Assim, a autora aponta para o paradoxo do feminismo e do mito da mulher: o feminismo é o movimento que luta pelas mulheres e é, ao mesmo tempo, o exercício de desconstrução e diluição do ser mulher. A contradição é exposta na adesão de um termo do tipo de classe, que é socialmente constituído e a afirmação de subjetividade que torna-o uma experiência material (Wittig, 1992). Segundo Wittig, entretanto, “sem classe e sem consciência de classe não há subjetividade real, apenas indivíduos alienados”¹⁶.

O lesbianismo materialista, por ter como sujeito o não-mulher e o não-homem, não compartilha do paradoxo da “destruição da mulher” enquanto categoria. Pelo contrário, é a materialização da forma mais livre do ser, na medida em que é a experiência da desconstrução do mito da mulher e seu significado de classe social. Nesse sentido, Wittig afirma que o “sujeito (lésbica) não é mulher, nem economicamente, nem politicamente, nem ideologicamente”¹⁷. Teresa De Lauretis (2007, p. 76) afirma, ao trazer as reflexões de Wittig sobre a condição da mulher, que:

[...] se as mulheres são uma classe social cuja condição específica de existência é a opressão de gênero e cuja consciência política às proporciona um ponto de vista, uma posição de luta, e uma perspectiva epistemológica baseada na experiência vivida, então o que Wittig viu como o objetivo do feminismo foi o desaparecimento da mulher (como classe)¹⁸.

Especificamente do ponto de vista da (não)mulher lésbica, Wittig considera que recusar a heterossexualidade não é apenas negar tornar-se mulher, mas sim recusar o “poder econômico, ideológico e político dos homens”¹⁹ (Wittig, 1992, p.13).

Segundo Teresa de Lauretis (2007), o trabalho de Wittig oferece um “espaço conceitual” de subjetividade que antes parecia impensável. Esse espaço de não-mulher e não-homem, isto é, de negação da heteronormatividade, nos permite pensar numa epistemologia para além da feminista, pensar num devir que Lauretis vai chamar de “excêntrico”. Essa subjetividade “excêntrica” muda a consciência histórica, a forma de saber e conhecer, na medida em que não se define a partir das instituições da “mente hétero”. Assim, adquirimos a consciência da opressão que é, nas palavras de Wittig (*apud* de Lauretis, 2007, p.74):

16 Tradução livre do original: “without class and class consciousness there are no real subjects, only alienated individuals.” (Idem, p. 108).

17 Tradução livre do original: “subject (lesbian) is not a woman, either economically, or politically, or ideologically” (Idem, p. 109).

18 Tradução livre do original: “If women are a social class whose specific condition of existence is gender oppression and whose political consciousness affords them a standpoint, a position of struggle, and an epistemological perspective based in lived experience, then what Wittig saw as the goal of feminism was the disappearance of women (as a class)”.

19 Tradução livre do original: “It is the refusal of the economic, ideological, and political power of a man”.

[...] não apenas uma reação para (lutar contra) a opressão. É também uma reavaliação completa do mundo social, sua inteira reorganização através de novos conceitos, a partir do ponto de vista da opressão... chame isso de prática cognitiva, subjetiva.²⁰

Esse deslocamento conceitual e geo-político, uma vez que se dá a partir da própria experiência vivida por subjetividades lésbicas, permite-nos re-conceituar não apenas que lugar é esse, mas como as relações sociais, afetivas, discursivas e identitárias podem criar novas possibilidades de agência e resistência (De Lauretis, 2007).

A partir desta leitura, podemos pensar esse não-lugar ou deslocamento enquanto um espaço real no qual a dicotomia e hierarquização do sexo/gênero das instituições heteronormativas não pode ser aplicada da mesma maneira. Este lugar estranho se relaciona profundamente com as demandas e formação de sujeitos feministas, como bem apontaram as teóricas do *Lesbianismo Político*. Contudo, há também essa possibilidade conceitual de um Eu para além da questão de gênero, que têm um papel fundamental na criação de uma epistemologia própria, com seu próprio campo conceitual e político. Demonstrar a importância deste espaço frente à heteronormatividade é, em parte, nosso esforço neste ensaio.

Hannah Gadsby e algumas considerações finais

Gadsby, em seu *stand up*, aproveitou aquele espaço político para contar sua história, principalmente, sobre como sua subjetividade foi formada frente às normas e padrões de sexo e gênero buscando sentir-se conectada a partir de um lugar de deslocamento. Voltamos à apresentação de Gadsby nessa conclusão, na medida em que a história de sua formação identitária parece se cruzar não apenas com a nossa, mas em como ela perpassa essas leituras teóricas do ser lésbica. Em diversos momentos de *Nanette*, a artista fala desse não-lugar: seja no âmbito social, no qual sua performance de gênero acaba por enganar as “mentes héteros” como diria Wittig; seja dentro do próprio movimento, ao não sentir-se próxima às Paradas de Orgulho LGBTQ+; ou dos próprios aprisionamentos que identidades políticas fixas trazem, ao ser criticada por não focar tão veemente em “conteúdo lésbico” em seus shows.

A amplitude de abordagens para a identidade lésbica aqui apresentadas demonstra que a categoria meramente política que se forma a partir desses movimentos sociais não é suficiente para abranger o tamanho dessa experiência. Uma leitura como a do *Lesbianismo Radical* nos faz pensar que sexualidade é uma esfera necessária da biopolítica, mas que também existe algo para além do puro aprisionamento essencialista: ser lésbica não é uma fase, mas também não pode ser

20 Tradução livre do original: “is not only a reaction to (fight against) oppression. It is also the whole conceptual reevaluation of the social world, its whole reorganization with new concepts, from the point of view of oppression . . . call it a subjective, cognitive practice”.

uma prisão conceitual. As contribuições de Butler e Preciado, nesse sentido, evocam o permanente estado de devir, desse processo de constituição de nossas identidades que não se esgotam em uma única verdade social. Já o lesbianismo materialista, ao trazer a discussão da não-mulher, nos permite pensar de forma interseccional e em como fatores raciais e experiências localizadas influenciam o entendimento sobre nossa identidade.

A história do lesbianismo não é voltada para uma única verdade, há muitas formas de constituição da construção lésbica que perpassam campos político-sociais e subjetivos como gênero, raça, classe, nacionalidade, religiosidade, dentre outros. O ponto crucial dessa análise parece ser justamente os apontamentos de Teresa de Lauretis: nossa existência nesse lugar de deslocamento das dinâmicas dicotômicas da heteronormatividade trazem uma contribuição valerosa para o campo do saber e conhecer, uma epistemologia própria. E é a partir desse mesmo lugar estranho e incômodo de deslocamento, que surge resistência às relações sociais que nos colocam nesse não-lugar.

Referências

ALCOFF, Linda M. (2006). *Visible identities: Race, Gender and the Self*. Nova Iorque: Oxford University Press.

BEAUVOIR, Simone de. (2009). *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BUTLER, Judith. (2003). *Problemas de Gênero*. Brasil: Civilização Brasileira.

CARD, Claudia. (1990). "Pluralist Lesbian Separatism". In: ALLEN, Jeffner (Ed). *Lesbian philosophies and cultures*. Nova Iorque: State University of New York Press. 125-142.

FADERMAN, Lillian. (1981). *Surpassing the love of men: Romantic friendships and love between women from the Renaissance to the present*. Nova Iorque: William Morrow and Company.

FRYE, Marilyn. (1993). "Some reflections on separatism and power". In: ABELOVE, Henry; BARALE, Michele Aina; HALPERIN, David M. (Eds). *The Lesbian and Gay Studies Reader*. Nova Iorque: Routledge. 91-98.

HARAWAY, Donna. (1985). "Manifesto for cyborgs: science, technology, and socialist feminism of the 1980's". *Socialist Review*, v.80, p. 65-108.

JEFFREYS, Sheila. (1993). *The Lesbian Heresy*. Austrália: Spinifex..

JEFFREYS, Sheila. (2003). *Unpacking Queer Politics: A lesbian feminist perspective*. Cambridge: Polity Press.

JOHNSTON, Jill. (1973). *The Lesbian Nation*. Nova Iorque: Simon & Schuster.

LAURETIS, Teresa de. (2007). *Figures of resistance: Essays in feminist theory*. EUA: University of Illinois Press.

PRECIADO, Paul B. (2018). *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: N-1.

RICH, Adrienne. (2010). "Heterossexualidade compulsória e existência lésbica". *Bagoas*, n.6, p.17-44.

RUBIN, Gayle. (2006). "Of Catamites and Kings: Reflections on Butch, Gender, and Boundaries". In: STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen (Eds). *The Transgender Studies Reader*. Nova Iorque: Routledge. 471-481.

SALIH, Sara. (2012). *Judith Butler e a Teoria Queer*. Brasil: Autêntica.

STEIN, Arlene. (1997). *Sex and Sensibility: Stories of a lesbian generation*. Los Angeles: University of California Press.

WITTIG, Monique. (1992). *The Straight Mind and other essays*. Boston: Beacon Press.

WITTIG, Monique. (2014). "One is not born a woman". *Canvas*, p.103-108. Disponível em: <https://canvas.instructure.com/courses/881484/files/29889512?module_item_id=6278065>. Acesso em: 12 jun. 2019.

Recebido em 01/06/2020.

Aceito em 20/11/2020.